

Brasil já negocia “ponte”

CLAUDIO LESSA
Correspondente

Washington — O diplomata Sérgio Amaral, secretário para assuntos internacionais do Ministério da Fazenda, declarou estar em Washington negociando uma “ponte” que mantenha a integridade das relações do Brasil com a comunidade financeira internacional. Amaral não quis opinar sobre o acordo do México com os bancos credores, afirmando não ter ainda uma avaliação do conjunto que permita dizer exatamente qual o nível de redução de dívida que o México vai conseguir. Ele achou, entretanto, “positivo estar concluída a primeira negociação em que a ênfase é reduzir a dívida, e não dinheiro novo”.

Amaral também rejeitou a noção de que o Brasil “esteja de fora do Plano Brady, pois ele não é um clube onde os sócios dêem bola preta ou bola branca de acordo com seu arbitrio pessoal”. Sérgio Amaral disse também que os entendimentos do grupo técnico brasileiro com o FMI, esta semana, pretendem “viabilizar algum entendimento que permita um ingresso de recursos no País este ano”.

MÉXICO

O secretário de assuntos internacionais da Fazenda afirmou que possui apenas informações “genéricas” sobre o acordo alcançado pelo México com os seus credores. Entre elas, estão o nível de desconto da converção da dívida a valor nominal, da taxa de juros (no caso da conversão da dívida com taxa de juros reduzida), e sobre alguns dos aspectos do chamado “enhancement”. Mas falta “a visão de conjunto”, disse Amaral, que vai permitir que se chegue a uma conclusão exata sobre o que o México vai conseguir em termos de redução da dívida, “em função da opção que os bancos fizerem. Se eles fizerem opção por dinheiro novo, qual vai ser o resultado final”? perguntou Amaral, respondendo logo em seguida: “Nós não sabemos”.

A partir da explicação do diplomata, ficou a curiosidade sobre o caso brasileiro. “E o Brasil, o que significa isso?”, perguntou um repórter. “O Brasil agora entra na fila”, emendou outro. “Estão dizendo que o Brasil não faz parte do Plano Brady”, arriscou um terceiro. Amaral não gostou: “Olha, eu gostaria de saber de onde isso surgiu, porque o Plano Brady não é um clube onde os sócios dão bola preta ou bola branca de acordo com seu arbitrio pessoal. O Plano Brady é um conjunto de critérios para operações de redução de dívida e, mais do que para operações para a participação do Banco Mundial e do Fundo Monetário no apoio a operações de redução de dívida. Portanto, disse Amaral, “aqueles países que tiverem um programa com o Banco Mundial e com o Fundo Monetário que propicie recursos suficientes para apoiar estas operações, estão certamente no Plano Brady”.

Amaral, sem deixar que os repórteres enfocassem o Brasil, diretamente, afirmou que “a qualificação que tem que ser feita é a seguinte: O Brasil está no último ano do governo, e não faz qualquer sentido para este Governo fazer um programa de médio prazo, de 3 anos, como fizeram Venezuela e México, que vá comprometer o próximo presidente. Isso não faz sentido. Uma ampla operação de redução de dívida deverá ser negociada pelo próximo governo”.

Amaral afirmou que o que se pode fazer agora, “se prosperarem os entendimentos para algum arranjo com o Fundo Monetário, é que nós teremos condições de fazer uma pequena operação, talvez, ou poderemos fazer operações via mercado, como já fizemos”.

CONVERSAS

Nas conversações que o grupo técnico brasileiro dá início, esta semana, em Washington, o objetivo, segundo Sérgio Amaral, é “dar continuidade aos entendimentos que já foram mantidos, que o embaixador já manteve com o governo americano, com o próprio Fundo, para viabilizar algum entendimento que permita o ingresso de recursos no País este ano”.

Sérgio Amaral ressaltou que o Brasil, neste momento, não está conversando com os Estados Unidos “sobre nenhum empréstimo específico, nenhum montante de empréstimos”. O Brasil, disse ele, está conversando com os bancos, com o governo americano, com outros governos, com o Fundo Monetário, com o Banco Mundial, para esclarecer a situação da economia brasileira, esclarecer o setor externo, explicar a centralização de câmbio — “o (Arnin) Lore (do Banco Central) fez uma longa explicação aos bancos sobre como funciona esta centralização de câmbio” — para que “a gente possa fazer uma avaliação com nossos principais parceiros sobre a situação, sobre as perspectivas, e sobre como nós vamos poder atuar, nos próximos meses, para manter o clima de normalidade na área externa”.

Sobre seu contato com Charles Dallara, no Departamento do Tesouro, Sérgio Amaral falou que, além de um relato de outros contatos já mantidos, a conversa girou em torno da “conveniência de nós termos uma cobertura, ou uma ponte, que permita passar os próximos meses, até o próximo governo, sem turbulências na área externa”. H. O termo ‘ponte’ lembra empréstimo-ponte, mas Sérgio Amaral disse que nesse caso, não é nada disso. “E passar do período que vai de agora até o próximo governo. A ponte que liga julho/agosto a fevereiro/março. Não estamos falando nem de empréstimos, nem de não pagar. Estamos falando de como vamos conciliar dois objetivos muito importantes do governo. Primeiro: preservar a normalidade no relacionamento com a comunidade financeira, e, ao mesmo tempo, preservar o nível adequado de reservas do País”.